

O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano VII | Volume 22 | Nº 65 | Boa Vista | 2025

<http://www.ioles.com.br/boca>

ISSN: 2675-1488

<https://doi.org/10.5281/zenodo.15446842>



ESTRUTURAS MUSEOGRÁFICAS E CONTEXTOS URBANOS: ESTUDO DE CASO DO MUSEU NACIONAL DE IMIGRAÇÃO E COLONIZAÇÃO EM JOINVILLE (SC)

Ericson Straub¹

Clovis Ultramari²

Manoela Massochetto Jazar³

Resumo

O contexto deste artigo é o de uma crescente valorização dos museus, memoriais e espaços expositivos para o planejamento urbano, extrapolando suas funções inerentes, sobretudo culturais e educativas. Seu objetivo é o de discutir critérios interpretativos entre tais equipamentos culturais, os contextos urbanos no qual estão inseridos, e as possíveis implicações decorrentes desta relação. A pesquisa adota a abordagem bibliográfica, a análise e observação de museus, seus diferentes contextos urbanos no qual estão inseridos e o estudo de caso junto ao Museu Nacional de Imigração e Colonização, Joinville-SC. A investigação resultou na definição de cinco tipologias de implicações decorrentes das relações entre equipamentos culturais museográficos e contextos urbanos e a análise interpretativa do estudo de caso, identificando as possíveis implicações decorrentes. Como resultado, as análises propõem que o uso destes critérios interpretativos pode aprimorar o entendimento sobre os equipamentos culturais museográficos e seus potenciais transformativos do meio urbano.

Palavras-chave: Cidade e Cultura; Gestão Urbana; Museu; Políticas Culturais.

123

Abstract

The context of this article is of a growing appreciation of museums, memorials centres, and exhibition spaces for urban planning, going beyond their inherent functions, especially cultural and educational ones. Its objective is to discuss interpretative criteria between museographic cultural facilities, the urban contexts in which they are inserted, and the possible implications arising from this relationship. The research adopts the bibliographic approach, the analysis and observation of museums and their different urban contexts in which they are implemented, and the case study with the National Museum of Immigration and Colonization in Joinville, Brazil. The investigation resulted in the definition of five typologies of implications arising from the relationships between museographic cultural facilities and urban contexts and the interpretative analysis of the case study, identifying the possible resulting implications. As a result, the analyses propose that the use of these interpretative criteria can improve the understanding about the museographic cultural facilities and their transformative potentials of the urban environment.

Keywords: Cities and Culture; Cultural Policies; Museum; Urban Management.

¹ Doutorando em Gestão Urbana pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). E-mail para contato: ericson@straubdesign.com.br

² Doutor em Meio Ambiente e Desenvolvimento pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail para contato: ultramari@yahoo.com

³ Doutora em Gestão Urbana pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). E-mail para contato: manoelamj.arq@gmail.com



INTRODUÇÃO

A relação entre grandes equipamentos, sejam eles públicos ou privados, no espaço das cidades, é um tema recorrente na literatura científica do campo dos estudos urbanos e constante desafio para a gestão local, envolvendo decisões potencialmente polêmicas no cotidiano da gestão local. Tais empreendimentos são considerados grandes pelo contexto em que se instalam, relevantes pelo volume de recursos que tradicionalmente mobilizam e pelos impactos diversos que provocam. Os museus têm tido uma presença crescente em número, diversificando os temas que buscam preservar, conservar ou difundir, e, para o que mais interessa neste artigo, demonstrando uma forte simbiose com políticas públicas urbanas. De forma explícita ou tácita, planejada ou consolidando-se como uma externalidade de sua função precípua, os museus, ou conforme termo ampliado, estruturas culturais museográficas, são exemplos possíveis desses empreendimentos e têm, por vários motivos, contribuído para mudanças em processos urbanos.

Entretanto, a falta de reconhecimento dessa simbiose tem resultado na perda de potencialidades estratégicas e de apropriações pela sociedade de realizações que muitas vezes surgem de esforços pontuais.

É com esse interesse e essa justificativa que se desenvolve a pesquisa, cujo relato é apresentado neste artigo. Por meio da avaliação das possíveis implicações de um museu no seu contexto urbano, entende-se que é possível tanto aferir o conhecimento teórico anteriormente desenvolvido, quanto determinar estratégias para a gestão urbana que permitam criar, potencializar ou se apropriar dos ganhos de iniciativas com gênese restrita em seus territórios.

A pergunta que orienta esta discussão está formulada do seguinte modo: como um museu pode ir além de sua função inicial tradicionalmente consubstanciada e limitada ao interior de seu próprio edifício, implicando 1) em interações transformadoras e positivas de seu entorno; 2) em aumento da capacidade competitiva da cidade que o abriga em relação a outras cidades interessadas na atração de turistas e desenvolvimento econômico; 3) na consolidação de uma identidade específica por meio de sua imagem, e; 4) no incremento daquilo que se pode chamar de celebração urbana, intensificando o uso comum de espaços com acesso público. Com isso, a pesquisa busca fornecer um referencial que possa subsidiar futuras investigações sobre a temática, contribuir para políticas setoriais específicas implementadas pela gestão urbana e explicitar mecanismo que essa mesma gestão venha a adotar na construção de novas relações urbanas com museus já existentes em seu território.

O recorte metodológico adotado segue os princípios de uma revisão de escopo, baseada em levantamento exploratório da produção científica sobre o tema, priorizando estudos mais recentes (pós-2020), publicados em artigos científicos internacionais. Esta revisão evidenciou um volume disponível



significativo de discussões sobre as novas formas e propósitos das estruturas museográficas; porém, mostrou-se mais limitada no que diz respeito à relação dessas estruturas com políticas públicas locais. Para suprir essa lacuna, optou-se pela realização de um estudo de caso envolvendo um museu específico.

Destacamos que o artigo está estruturado em cinco seções, além desta introdução. A seção de Contextualização apresenta a mencionada revisão teórica sobre o tema, destacando as tendências históricas no entendimento dos propósitos de um museu ou centro cultural. Em seguida, uma breve descrição metodológica sintetiza os procedimentos adotados no processo investigativo. A seção seguinte discute a relação entre museus e seus contextos, organizada a partir de cinco implicações previamente estabelecidas como referencial de análise: socioeconômicas, utilitárias, iconográficas, territoriais e simbólicas. Posteriormente, descrevemos como essas implicações podem se manifestam no museu selecionado para o estudo de caso: o Museu Nacional da Imigração e Colonização, em Joinville, Santa Catarina. Nas seções subsequentes, são apresentados os resultados da análise de campo e as possíveis implicações identificadas, organizadas conforme o “dito” e o “não dito” resultante das entrevistas realizadas. Por último, estão apresentadas as Considerações Finais, que retomam os principais achados e reflexões.

CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA

A ideia contemporânea de museu transformou-se juntamente com a de cidade. As cidades deixaram de ser fenômenos físicos, compreendidos e geridos por perspectivas monodisciplinares, para se tornarem fenômenos complexos, sociais e, atualmente, demandando entendimentos multidisciplinares (vide, por exemplo, ULTRAMARI, 2025; CREUTZIG *et al.*, 2024; NELSON *et al.*, 2024). Os museus, por sua vez, evoluíram de instituições pragmáticas, cuja função era preservar e salvar a memória, para se transformarem em espaços que sintetizam o “espírito do seu tempo”. Na visão otimista de Huyan (2025), os museus buscam se distanciar da tensa relação entre passado e modernidade, articulando relações entre nação e tradição, herança e cânone, construindo assim uma ponte para legitimidades culturais. Para esse autor, os museus são tradicionalmente instituições que não visam lucro, dedicando-se a “[...] pesquisar, coletar, proteger, interpretar e exibir o patrimônio tangível e intangível”. Idealmente, cumprem esse objetivo promovendo a diversidade, a sustentabilidade, a participação comunitária, além de oferecer experiências educativas, reflexivas e de compartilhamento de conhecimento. Tal otimismo, o qual revela uma crença desmedida no altruísmo dos museus, é, porém, recorrentemente contestado. Para Kolbe (2024), por exemplo, os museus guardam interesses diversos



que vão além do idealismo formalmente comunicado em suas missões, configurando-se como atores políticos e financeiros. Nesse contexto, surge o que o autor denomina “[...] legitimação da elite”, performada tanto pelos fundadores do museu quanto por aqueles institucionalmente vinculados a ele.

A relação entre museus e cidade conta com uma literatura já consolidada, abrangendo diferentes realidades urbanas e propósitos de exibição. Redaelli *et al.* (2025), por exemplo, atestam um crescente reconhecimento do papel dos museus como espaços públicos, que anteriormente eram associados apenas a espaços abertos e verdes. Atualmente, surge a ousada noção de um “pós-museu”:

Isso envolve considerar as características físicas dos museus e como elas moldam tanto o espaço físico quanto o engajamento comunitário. [...] O pós-museu, segundo a autora [Eilean Hooper-Greenhill, 1992; Hooper-Greenhill, 2000], é um processo ou uma experiência que gira em torno dos espaços, preocupações e aspirações das comunidades. Essa nova concepção de museu se distancia da ideia de uma instituição autoritativa conduzida pelo curador, que expõe objetos de maneira classificada, com o objetivo de construir um mundo enciclopédico abrangente.

Assim, os museus expandem seu sentido inicial e têm seus impactos apropriados por interesses diversos, e propósitos antes distantes de seu escopo. Para Lorente (2015; 2025), por exemplo, a chamada “caixa de exposição” tornou-se obsoleta, dando lugar a novos discursos pedagógicos e, especialmente para o interesse deste artigo, e facilitando diálogos variados entre os diversos agentes sociais de seus entornos ou mesmo de seus espaços urbanos ampliados. Na perspectiva do desenvolvimento ou da transformação urbana, os museus são esperados como catalisadores de processos transformadores dos espaços que os abrigam, seja pela ressignificação de compartimentos, seja pela construção de novos.

Para Plaza e Haarich (2009) a justificativa inicial para a criação de museus deixou de ser exclusivamente cultural e passou a incluir a própria recuperação econômica e a inserção em grandes cenários competitivos:

[...] a missão tradicional de um museu é essencialmente cultural. No entanto, não é assim para todos os museus. Existem alguns, embora sejam uma minoria, mas universalmente famosos, [...] cujo principal objetivo é a reativação (e/ou diversificação) da economia de suas cidades

Segundo Choay (2017), obra publicada originalmente em 1966), ao refletir sobre a era industrial, aponta a ideia de que ela trouxe tanto a imagem de ruptura com o passado quanto a de degradação do meio urbano e a desconexão com os modelos tradicionais de produção humana de artefatos. A cidade ocidental, nesse contexto de transformação social e econômica do final do século XIX, desempenhou um papel fundamental para a imposição de novos modelos, não apenas produtivos, mas igualmente sociais, pois reuniu, dentro de uma estrutura flexível, as condições para o desenvolvimento da acumulação de valores e de novas práticas sociais, arquitetônicas, políticas e econômicas.



A relação próxima entre industrialização e museus dessa época é explicada pela riqueza disponível para novas iniciativas da sociedade e das nações, pela mensagem cívica que um museu poderia representar, pela concomitância temporal dessa industrialização com o ideal de democratização do conhecimento e sobretudo pela disponibilidade de uma patronagem de uma elite emergente.

Em essência, a Revolução Industrial proporcionou as condições econômicas, sociais e tecnológicas para o surgimento e a evolução do museu moderno. Esses, por sua vez, contribuíram para a compreensão pública do progresso industrial, para a preservação de sua cultura material e para a reflexão de seu impacto na sociedade e nas artes (GALOFRÉ-VILÀ, 2023). Sterling (2024), entretanto, vê uma possível variante nessa relação entre museu e progresso industrial, na qual inclui-se a pesquisa relatada neste artigo; nas palavras do autor:

[...] a missão tradicional de um museu é essencialmente cultural. No entanto, não é assim para todos os museus. Existem alguns, embora sejam uma minoria, mas universalmente famosos, [...] cujo principal objetivo é a reativação (e/ou diversificação) da economia de suas cidades

Mais recentemente, no final do século XX, em uma relação estreita com a valorização das cidades como destinos turísticos, os museus voltam a assumir o protagonismo de espaços de cultura, tornando-se também palcos para a *mise-en-scène* da espetacularização e da exuberância na paisagem urbana (FLORIDO-BENITEZ, 2024). Para Scheiner e Narloch (2023), essa espetacularização tem sido analisada sob diversas perspectivas — museológicas, antropológicas, sociais, políticas, culturais —, mas frequentemente reduz o fenômeno museu-espetáculo aos seus impactos negativos sobre a sociedade. Segundo os autores, ao buscar atrair público, muitos museus passaram a enfatizar a experiência imersiva e sensorial em detrimento da profundidade crítica de suas exposições, permitindo que o público vivencie um "exagero da realidade", em que os meios se sobrepõem aos fins, reduzindo as potencialidades de uma narrativa museológica.

Em uma perspectiva histórica, os museus contemporâneos buscam, para além do espetáculo, a revisão de delimitações históricas que estejam em sintonia com o novo século. Fernández Portela e Aguilar-Cuesta (2025), por exemplo, ao estudarem o caso espanhol, falam de uma mudança “[...] do patrimônio industrial ao espaço cultural”, reforçando o atual papel turístico desempenhado pelos museus.

Felder (2024) por sua vez, fala de uma nova “guinada cultural”, um caminho transformativo na história dos museus, agora no sentido da decolonização. Um processo que, embora defendido por perspectivas diversas, tem-se mostrado de difícil implantação (STEPHENS, 2025). Para este autor,



estaria em jogo os interesses estratégicos de cada museu, os interesses dos artistas, o entendimento do público visitante e, mais que tudo, a disponibilidade de recursos para que, de fato, a mudança ocorra. Essa mesma distinção entre o desejado – a decolonização dos museus, por exemplo – e a prática – o que desse princípio se tem adotado – é também observado por Walli e Collins (2023). Esses autores, em sua discussão sobre novos propósitos e conteúdos para um museu contemporâneo, ressaltam a importância do próprio debate: “A consideração sobre como descolonizar impulsiona a reimaginação do que é um museu, qual é o propósito da coleta e preocupações relacionadas”.

Ainda sobre esses novos entendimentos, Melo *et al.* (2024) argumentam que o termo “decolonizar” tem se tornado mais abrangente, indo além da simples revisão do conceito de repatriação de acervos. A decolonização nos museus envolve a reconstrução de narrativas históricas e culturais, a ruptura com paradigmas construídos, a inserção de comunidades marginalizadas, a valorização da memória e o fortalecimento de práticas colaborativas e participativas com os grupos locais (vide, por exemplo, BRULON; WITCOMB, 2022). Da mesma forma, as cidades do século XXI buscam refletir a coexistência de diferentes tempos, espaços e modelos relacionais, incorporando múltiplas camadas de significados sociais e culturais. Apesar de sua materialidade física, as cidades possuem também uma dimensão simbólica e social, onde se constroem identidades e valores intangíveis, muitas vezes potencializados por museus e equipamentos culturais. Mourrada (2024), em seu estudo de caso para uma cidade no Líbano, conclui justamente pela importância dessa dimensão simbólica: “A espacialização dos símbolos é um mediador que legitima o exercício do poder político e promove espaços, sendo também um instrumento de resistência contra as imagens padronizadas do neoliberalismo”.

O que se observa aqui é, pois, uma convergência entre aquilo que se idealiza como uma cidade contemporânea transformada e estruturas museográficas ressignificadas, ambos no sentido de uma simbiose onde um pode e deve contribuir para os atributos do outro.

Para Grewcock (2006), um dos desafios contemporâneos dos museus é compreender as cidades e a influência mútua que elas exercem sobre essas instituições. O autor defende que o futuro dos museus está intrinsecamente ligado ao futuro das cidades, em um processo de transformação recíproca. Ainda segundo Grewcock (2006), as cidades do futuro serão moldadas pela capacidade de adaptação às mudanças, sejam elas sociais, físicas, culturais, tecnológicas, econômicas, ambientais e políticas. Isso aponta para desafios importantes, como a necessidade de planejar e viver em contextos marcados por incerteza e complexidade. Nesse cenário, gestores urbanos e culturais buscam compreender a centralidade da cultura e o potencial estratégico dos equipamentos culturais museográficos para a ressignificar o espaço urbano.



De acordo com o ICOM (2022), museus são instituições acessíveis e inclusivas, que promovem a diversidade e a sustentabilidade. Operam de maneira ética e profissional, envolvendo as comunidades e proporcionando experiências diversas, voltadas para a educação, fruição, reflexão e compartilhamento de conhecimentos. Nas conclusões da pesquisa de Uwase (2025), é possível apreender a expansão do papel dos museus nessa perspectiva mais ampla:

Os museus desempenham um papel fundamental na preservação e na formação do patrimônio cultural, atuando como guardiões da história, educadores e pontos de ancoragem comunitária. São instituições dinâmicas que se adaptam às mudanças sociais, incorporando inovações e promovendo a inclusão para manter sua relevância. Ao engajar as comunidades, abordar questões de justiça social e promover o entendimento cultural, os museus contribuem para a coesão social e para o diálogo global sobre o patrimônio. No futuro, os museus devem integrar ainda mais a tecnologia, respeitar perspectivas diversas e enfrentar os desafios pós-coloniais e de restituição, a fim de criar uma narrativa mais equitativa e globalmente inclusiva.

O termo “museografia” refere-se ao conjunto de práticas espaciais, técnicas e metodológicas relacionadas com a arte de expor e à organização funcional dos espaços de um museu ou de qualquer outro espaço expositivo não museal. Já a museologia se dedica ao estudo dos museus enquanto instituições e à reflexão teórica sobre seu papel social e epistemológico (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013). Nesse sentido, Brulon (2020) argumenta que a definição de museu permanece um campo de disputa, refletindo tensões contemporâneas na tentativa de normatizar suas funções e práticas. Esse debate ganha força diante da necessidade de incorporar novos paradigmas que redefinem os valores e objetivos dos museus no contexto contemporâneo.

A proposta do termo “equipamentos culturais museográficos”, utilizado neste artigo, visa ampliar a compreensão sobre os espaços expositivos contemporâneos e respeitar o entendimento mais atual que se objetiva ter desses serviços e suas infraestruturas. Com isso, distancia-se do entendimento de museu limitado à sua circunscrição de espaço de “guarda” de acervos diversos e amplia-se sua função a partir de conexões com outros interesses, outros espaços e, principalmente, com seu grande entorno urbano.

A inauguração do Museu Guggenheim, em Bilbao, no final da década de 1990, é considerado um marco nessa perspectiva, onde o acervo teve um papel reduzido frente ao seu propósito de transformação urbana, de integração com a cidade e, sobretudo, de oferta de espaços de convivência e de experiência paisagística. Com isso, o lugar deixa de ser apenas um “museu” e passa a se configurar como “um conjunto de estruturas com propósitos diversos”. Uma vez inaugurado, rapidamente torna-se uma referência nesse sentido, tendo sua mensagem e propósito facilitados pela arquitetura iconográfica, de ruptura e imagética,



[...] recuperando todos os tipos de conexões com a cidade. Maior atratividade, permeabilidade espacial e inter-relações visuais seriam características comuns dos novos museus de arte, com obras 'icônicas' decorando suas fachadas e arredores. Isso fazia parte de uma fórmula de revitalização urbana impulsionada pelas artes, replicada mundialmente, em busca do chamado 'efeito Bilbao'. [...] Trata-se de um legado que vale a pena preservar, enquanto outras características já não são vistas como culturalmente desejáveis ou politicamente aceitáveis – a ponto de alguns estudiosos cunharem o termo 'era pós-Bilbao' (FAROUK, 2024).

O conceito abrange estruturas físicas diversas de caráter museográfico, como museus, salas expositivas, centros culturais, exposições itinerantes temporárias, experiências imersivas, memoriais, monumentos, marcos urbanos ou artísticos e centros de entretenimento de cunho cultural e informacional. Esses diferentes formatos evidenciam o papel dos equipamentos culturais na tradução da memória — tanto material quanto imaterial — e no incentivo ao entretenimento e à cultura nas cidades. Assim, propomos a distinção conceitual do termo “estruturas museográficas” para definir instituições formais ou não formais, de caráter expográfico e acessíveis ao público, situadas em locais físicos permanentes ou temporários, sejam elas públicas ou privadas, desde que apresentem conteúdos, experiências ou atividades voltadas à cultura e à informação.

O objetivo principal deste artigo, portanto, é analisar, por meio de um estudo de caso, as relações entre essa estrutura e seu contexto urbano, além de confirmar o papel do museu como uma intervenção e uma política urbana que extrapola seu papel como edificação funcional dedicada exclusivamente à difusão de um conteúdo educativo e cultural. Em contraste, seu papel assume outras funções, gerando implicações no contexto urbano em que está inserido. Identificar os atributos dessas implicações, suas dimensões e sobretudo seus potenciais de apoio a outras políticas públicas — não restritas às culturais — é o que se pretende abordar nas próximas seções.

METODOLOGIA

Entende-se que há dois momentos da pesquisa: no primeiro, apresenta-se a proposição de cinco possíveis tipos de implicações decorrentes da relação entre equipamentos culturais museográficos e seus contextos urbanos; no segundo, tem-se o estudo de caso, no qual analisa-se o contexto urbano onde o museu está inserido, os resultados de entrevistas com gestores, comerciantes e trabalhadores do entorno, além de um infográfico que apresenta as intensidades dessas implicações e a análise final das informações.

Com os cinco tipos de implicações propostas e o estudo de caso do museu, para além de um retrato de uma realidade, buscamos construir uma abstração que possibilite generalizações. Essas generalizações, por sua vez, não têm a pretensão de representar verdades absolutas, mas sim auxiliar na



compreensão dos fenômenos urbanos relacionados às estruturas museográficas. Justifica-se, portanto, o uso dessa tipologia como um instrumento de análise, facilitando a organização conceitual e terminológica necessária para esse tipo de estudo (WEBER, 1981).

A metodologia de análise para a construção das cinco implicações propostas foi baseada em levantamento bibliográfica sobre equipamentos culturais museográficos em contextos urbanos. A pesquisa buscou identificar possíveis impactos no contexto urbano formal do entorno do conjunto pesquisado, como mudanças socioeconômicas, transformações na estrutura urbana e o reconhecimento como elemento de significado imagético e simbólico-afetivo para as comunidades da qual fazem parte os equipamentos culturais museográficos.

Foram analisados 35 conjuntos culturais, envolvendo equipamentos museográficos e seus contextos urbanos, dos quais 20 deles localizados nas regiões do Sudeste e Sul do Brasil. Esses conjuntos representam realidades culturais e socioeconômicas distintas. As análises concentram-se nos entornos urbanos e nas características que possam ser distintas na “anatomia urbana” dos compartimentos onde os equipamentos culturais museográficos estão instalados. A partir desse recorte, buscou-se compreender se a edificação possui caráter histórico, qual o simbolismo da obra arquitetônica dentro do contexto urbano, o tipo de gestão, se representa um contexto institucional, se a motivação para a criação destas estruturas museográficas partiu da demanda de uma comunidade ou do poder público, e a relação simbiótica entre a estrutura museográfica e o compartimento urbano ou a cidade na qual está inserida.

Para o presente artigo, dentre os museus analisados, optou-se por aprofundar a análise do Museu Nacional de Imigração e Colonização (MNIC) devido à sua capacidade de exemplificar de maneira relevante os processos de transformação socioeconômica e de ressignificação simbólica promovidos por equipamentos culturais em áreas urbanas consolidadas. O diferencial do MNIC reside em sua particularidade histórica, marcada pela relação simbiótica entre patrimônio cultural e identidade imigrante, o que permite refletir sobre a integração deste equipamento cultural museográfico ao seu contexto urbano com mais evidências. Para este caso, os procedimentos adotados incluíram, além da pesquisa bibliográfica em fontes acadêmicas e do levantamento em mídias jornalísticas, a realização de entrevistas— de caráter não estatístico – exploratórias e qualitativas com três gestores do museu e doze pessoas do entorno, incluindo trabalhadores e proprietários de estabelecimentos comerciais.

Com isso, compartilha-se a visão de Oliveira (2022), o qual defende que as cidades e seus tecidos são compostos por elementos formais que, combinados de forma específica, originam diferentes tecidos claramente identificáveis. Para esse autor é também fundamental considerar o fenômeno temporal, que evidencia a sobreposição de diferentes camadas e o longo processo de construção de um



compartimento urbano. Nesse sentido, o propósito das entrevistas foi investigar os limites do papel desempenhado pelos gestores na condução das políticas de relacionamento do MNIC com as comunidades vizinhas, bem como analisar as implicações e possíveis efeitos transformadores dessas interações no entorno urbano. Além disso, buscou-se compreender de forma ampla o papel dos gestores na articulação com as diferentes instâncias das políticas públicas urbanas, bem como captar a percepção de comerciantes e trabalhadores sobre as transformações socioeconômicas, físicas e simbólicas decorrentes da presença do museu.

Para as entrevistas realizadas com os gestores, optou-se por contatos presenciais, utilizando entrevistas não estruturadas, caracterizadas por flexibilidade e abertura, mas orientadas por um roteiro fixo de questões. Na abordagem com o público do entorno, composto por comerciantes e trabalhadores, foi utilizado o mesmo roteiro básico, porém, com as devidas adaptações ao longo das conversas conforme o nível de envolvimento de cada entrevistado, incentivando uma participação, mais espontânea e proporcionando uma compreensão mais aprofundada de cada contexto.

O roteiro de perguntas foi elaborado para estimular reflexões tanto entre gestores quanto entre comerciantes e trabalhadores, abordando questões sobre os limites de atuação dos gestores na definição de políticas do museu e na relação com o poder público. Sua realização também se justifica pelo interesse em explorar o desenvolvimento de ações de comunicação e relacionamento do museu com o público e os visitantes, bem como a existência de políticas específicas que incentivem o uso das áreas do MNIC pela comunidade.

Buscou-se compreender também a percepção dos gestores e do público sobre o papel do museu no contexto urbano, incluindo a influência da presença do museu na escolha do local para abertura de negócios ou locais de trabalho dos entrevistados. Além disso, foram investigadas possíveis mudanças na ocupação das áreas ao redor do museu ao longo do tempo, a frequência com que os entrevistados visitam o museu e suas percepções sobre as implicações positivas ou negativas que o MNIC exerce em seu entorno.

ANÁLISE E DISCUSSÃO

Museus, contextos urbanos e implicações decorrentes.

Diante da análise conduzida e dos resultados obtidos, constatou-se que as interações entre estruturas museográficas e seus contextos urbanos apresentam padrões recorrentes que podem ser organizados em uma tipologia específica. A partir do estudo de caso do MNIC e da análise dos demais



conjuntos culturais, foi possível identificar um conjunto de implicações que se manifestam em diferentes intensidades e variam conforme as características contextuais e a gestão dos equipamentos culturais.

Conforme anunciado, essas implicações traduzem-se em cinco categorias principais, que buscam abarcar as dinâmicas socioeconômicas, as externalidades utilitárias, as transformações imagéticas, os impactos físico-territoriais e as dimensões simbólicas. Essa tipologia não pretende ser definitiva, mas sim um recurso analítico capaz de sistematizar as múltiplas formas de influência que estruturas museográficas podem exercer sobre seus entornos urbanos.

Implicações socioeconômicas

Originalmente, os museus não tinham a intenção de atuar como catalisadores das relações socioeconômicas em seus entornos. Como aponta Huyssen (2014), eram espaços destinados exclusivamente à preservação de objetos considerados vestígios culturais. Entretanto, ao longo do tempo, passaram por um processo de transformação e se tornaram instituições híbridas, combinando entretenimento e informação. Mais do que isso, atualmente lhes é atribuída também a função de impulsionar a economia local por meio do turismo cultural (vide, por exemplo, ZUBITASHVILI, 2024)

As relações socioeconômicas dos entornos urbanos podem ser impactadas pela visitação ou mesmo pela “atmosfera” gerada por estas instituições. Como exemplo disso, Arantes (2007) *apud* Pasquotto (2011) cita um dos marcos desse tipo de “colonização urbano-cultural”: o Centro George Pompidou, implantado no antigo bairro medieval de Les Halles, em Paris. A criação desse museu envolveu diferentes agentes e transformou economicamente um compartimento urbano antes pouco atrativo do ponto de vista turístico e dinâmica imobiliária.

A visão dos museus como agentes econômicos do tecido urbano é reforçada pelo comentário do então ministro da cultura francês Jack Lang, o qual afirmou: “a cultura é nosso petróleo”. Sua fala destacava o potencial da cultura na geração de receita por meio do turismo, eventos e comércio que reconfigurando uma área antes ocupada por feiras livres e moradias populares.

Ironicamente, países árabes produtores de petróleo, a partir do final do século XX, passaram a investir na construção de seus museus como forma de futuras reestruturações econômicas, com foco no turismo e na imagem internacional de suas cidades. Nesse cenário do Oriente Médio, Giusti e Lamonica (2023) abordam uma geopolítica cultural que evidencia uma proliferação que agrega “o local e o global, o físico e o virtual, as facetas tangíveis da política, economia e segurança, e as ambições imateriais e ideacionais de construção de identidade e promoção da imagem do país”.



A percepção dos efeitos dessas transformações varia conforme o ponto de vista adotado. Para uns, a abertura do Centro George Pompidou resultou na descaracterização do tecido histórico local, com a perda de ruas e edifícios dos séculos XVII e XVIII; para outros, trouxe benefícios econômicos evidentes. O tempo necessário para sua consolidação como ícone de uma Paris e de uma França transformada (ZHANG, 2023) contribuiu para reduzir a controvérsia. O impacto dessa relação ficou claro quando o portal de notícias francês *vivrelemarais.typepad.fr* (2021) noticiou o fechamento do museu para reformas, descrevendo a paralisação como um forte golpe para o comércio da região.

Esse exemplo refere-se a uma estrutura museográfica em um grande centro urbano, mas também é relevante considerar museus surgidos em contextos de informalidade, sem planejamento direto do poder público, mas que desempenham funções socioeconômicas essenciais para suas comunidades. O Museu Sankofa, na Rocinha, no Rio de Janeiro, utiliza as ruas da favela como ambientes de visitação, contando histórias da comunidade e atraindo turistas (MUSEUS DO RIO, 2025).

Segundo Carvalho, em entrevista ao jornal *Ecoa* (2023), o turismo em favelas surgiu nos anos 1990 como um atrativo voltado à curiosidade dos visitantes. Com o tempo, passou a promover interações mais diretas entre turistas e moradores, fortalecendo a economia das comunidades.

Os museus, portanto, não apenas preservam e narram histórias, mas impulsionam transformações socioeconômicas em seus contextos urbanos. Esse papel se insere no contexto de formas alternativas de organização, voltadas à resolução de desafios sociais e à construção de bens comuns. Nesse sentido, Mair e Smith (2022) ressaltam a importância dessas estruturas inovadoras, que atendem às necessidades locais e promovem o bem-estar coletivo. Além do acesso à cultura, criam oportunidades concretas para a população, como cursos profissionalizantes, atividades educativas e eventos culturais capazes de gerar renda.

Embora haja uma percepção amplamente positiva entre os moradores sobre as atividades culturais associadas ao contexto museológico, Nuttarson (2022) alerta para os desafios como o aumento da circulação de pessoas e a necessidade de gestão adequada de resíduos. Quando bem administrados, esses fatores podem ser mitigados, garantindo que os benefícios sociais e econômicos superem os impactos negativos.

A consolidação dessa tipologia de implicação, portanto revela o potencial de reconfiguração socioeconômica das estruturas museográficas, atuando como agentes transformadores das dinâmicas locais. Ao promoverem interações entre cultura, economia e espaço urbano, essas estruturas se tornam catalisadoras de novos arranjos territoriais, capazes de impulsionar tanto o desenvolvimento econômico quanto a valorização cultural.



Implicação de externalidades utilitárias

O termo pode parecer redundante, já que, por definição, uma estrutura museográfica é um equipamento que oferece educação, informação, entretenimento e acesso à cultura. No entanto, ele se refere a usos que extrapolam essas funções predefinidas, abrangendo novas finalidades atribuídas aos seus espaços pela sociedade. Aqui, trata-se de uma apropriação comunitária dos espaços de um museu, seja por meio de atividades perenes ou temporárias, que mantêm apenas relações indiretas com o propósito original da instituição. Esse fenômeno pode ser entendido como uma externalidade positiva ou até mesmo uma serendipidade urbana, na medida em que traz impactos e usos imprevistos, distintos daqueles para os quais o espaço foi concebido.

Busch (2022) introduz a ideia dessa serendipidade no contexto urbano, diferenciando-a de “[...] serendipidade a partir de conceitos relacionados, como sorte”, e propõe seu uso estratégico na gestão de espaços públicos. Esse é o entendimento que o estudo das implicações utilitárias sugere: que museus, enquanto partes integrantes de políticas públicas urbanas, devem ser considerados como potenciais agentes de transformação urbana, capazes de promover mudanças que extrapolem seus objetivos institucionais.

A natureza contemporânea das estruturas museográficas envolve, de fato, constante transformação, permitindo que adquiram novos significados e usos ao longo do tempo. Como Bauman (2001) defende, a sociedade contemporânea vive sob efeitos voláteis, nos quais nada é feito para durar — seja no campo material, seja no relacional. Para Brandão e Landim (2011), os museus buscam a transcendência, mas, por refletirem a atividade humana, são dinâmicos e efêmeros. Considerando essa mesma realidade líquida da sociedade contemporânea, Ferreira (2024) amplia essa perspectiva ao afirmar que a própria construção museográfica é efêmera, enaltecendo seu papel transformador do espaço urbano e agregador de comunidades para causas sociais e culturais emergentes: “Essas instalações temporárias transformam áreas públicas, engajando comunidades e provocando reflexões sobre os potenciais futuros de nossas cidades”.

Assim, a apropriação comunitária dos museus determina seu valor utilitário. Quanto maior a integração com o entorno, mais diversificados são os usos do espaço. Um museu ou memorial pode se converter em um local para práticas esportivas, meditação, lazer seguro diante da violência urbana, encontros gastronômicos ou até mesmo convivência com animais. O Museu Mariano Procópio, em Juiz de Fora, é um exemplo desta implicação de externalidades utilitárias: seu entorno é utilizado principalmente para caminhadas, sendo a segurança e a oferta de bebedouros fatores destacados pelos frequentadores. No Museu do Futebol, em São Paulo, a Praça Charles Miller é palco de atividades como



meditação promovida pela instituição. Já no Museu do Amanhã, no Rio de Janeiro, o espelho d'água tornou-se cenário para fotos de casamento e eventos especiais.

Diante dessa diversidade de usos, os gestores museográficos e urbanos podem assumir um papel proativo na promoção da apropriação comunitária, reconhecendo que o potencial de impacto social das estruturas museográficas vai além das funções culturais, educativas ou de entretenimento tradicionalmente associadas a elas. Essa tipologia de implicação, então, evidencia o potencial dos museus como agentes de transformação urbana, ao integrar novos usos e significados que extrapolam suas funções originais, promovendo apropriações dinâmicas e fortalecendo vínculos sociais no espaço urbano.

Implicações imagéticas

Huyssen (2000) ressalta que as cidades contemporâneas são impactadas pela mídia e a cultura das imagens na construção de valores e ideais, denominada por ele como “arquitetura da imagem”. Para o autor, não é apenas a edificação em si, mas o impacto que ela gera como um ícone, substituindo ou reforçando valores e significados. Os museus, que até algumas décadas eram vistos como instituições obsoletas, transformaram-se juntamente com as cidades, impulsionados pelo processo de globalização no final do século XX.

Nesse contexto, equipamentos culturais e esportivos passaram a desempenhar um papel central na reformulação da imagem das chamadas “cidades globais”, conferindo-lhes um engajamento cultural e esportivo associado a um valor simbólico positivo, em contraste com a lógica puramente comercial. A visibilidade concedida aos museus está diretamente relacionada ao valor atribuído a esses espaços como depositários do conhecimento.

O termo “implicações imagéticas” refere-se às relações entre estruturas museográficas reconhecidas como ícones e seus contextos urbanos. Nesses casos, o edifício transcende sua função museológica e assume um papel identitário na cidade.

Um exemplo já assimilado que também pode retratar esta implicação é o Museu Guggenheim em Bilbao. Antes de sua inauguração, em 1996, a cidade espanhola não possuía atrativos turísticos de grande reconhecimento internacional e enfrentava sérios problemas sociais decorrentes da desindustrialização. Apenas um ano após sua abertura, o museu, projetado pelo *star architect* Frank Gehry, já havia recebido a marca de um milhão de visitantes. Pasquotto (2011) menciona que esse impacto levou à criação do termo “efeito Bilbao”, utilizado para descrever cidades que superaram a crise pós-industrial por meio da implantação de ícones culturais. Esse exemplo reforça o poder de um museu



com elemento possível e estrategicamente alinhado com a narrativa de transformação da cidade, simbolizando sua inserção nas redes globais e deixando para trás os conflitos separatistas para se consolidar como um centro urbano voltado para negócios e turismo cultural.

Esse exemplo ilustra como edificações culturais monumentais podem se tornar peças-chave na reconfiguração urbana, ampliando o reconhecimento e a associação da cidade com um determinado imaginário cultural. Entretanto, Scheiner e Narloch (2023) alertam que, na busca por atratividade, o espetáculo pode levar a uma experiência inflacionada, em que os meios se sobrepõem aos fins. Quando isso ocorre, as potencialidades do museu são substituídas pela superficialidade discursiva, que reduz sua função ao mero consumo de cultura. Jeudy (2000) também critica essa lógica, argumentando que os museus espetaculares tendem a enfatizar sua monumentalidade em detrimento do conteúdo, criando espaços onde a forma arquitetônica muitas vezes se torna mais relevante do que a experiência cultural que deveriam proporcionar. Em contextos urbanos favoráveis, esses edifícios monumentais possuem ainda maior potencial de impacto na identidade da cidade.

Implicações físico-territoriais

Peck (2015) analisa a globalização e a tendência de pensar as cidades como modelos globais, destacando que o urbanismo permanece limitado e processual, refletindo um colonialismo de teorias urbanas. Para o autor, as cidades contemporâneas são complexas e incertas, tanto social quanto fisicamente, caracterizando-se por transformações físico-territoriais constantes e dinâmicas próprias, muitas vezes não percebidas. Essas discussões sinalizam a necessidade de compreender as relações entre equipamentos culturais e contextos urbanos, considerando seus impactos na ocupação, valorização imobiliária e reorganização do espaço urbano.

Tais transformações podem incluir mudanças no tipo de ocupação, na valorização ou desvalorização imobiliária, no surgimento de espaços públicos de lazer, na implantação de linhas de transporte, na ocupação ou desocupação de imóveis e na reorganização de vias e estacionamentos. Diante dessas dinâmicas, é importante que gestores urbanos e das estruturas museográficas compreendam essas implicações e atuem para potencializar benefícios ou mitigar impactos negativos.

O Museu Oscar Niemeyer (MON), em Curitiba, exemplifica esses efeitos. Desde sua abertura em 2002, o museu influenciou a readequação de vias, a criação de novas linhas de transporte público e a valorização imobiliária na região. Outro exemplo é o Memorial de Evolução Agrícola, inaugurado em 2023 em Horizontina, no Rio Grande do Sul, o qual revitalizou a área central da cidade por meio da implantação de praças e espaços culturais.



A incorporação de praças e áreas públicas a museus fortalece a integração entre equipamentos culturais e o meio urbano. Nesse sentido, podemos citar nesse sentido o Museu do Expedicionário, também em Curitiba, cuja praça em frente, expondo avião utilizado pelo Exército Brasileiro na Segunda Guerra Mundial, tornou-se um marco simbólico para a cidade. Com esse exemplo, fica evidenciada a conhecida relação entre elementos urbanos como objetos físicos perceptíveis, que ressaltam fatos imateriais, como memória e função, na construção da imagem e identidade urbanas. Mais que isso, fica também evidenciada a ideia de que a imagem pública de uma cidade resulta da sobreposição de múltiplas percepções individuais e coletivas. Reconhecer essas relações em um projeto de museu ou de sua interação com o entorno agrega, pois, potencialidades na estratégia de novos territórios urbanos. De fato, para a compreensão das implicações físico-territoriais dos equipamentos culturais em áreas urbanas deve-se observar a complexidade das interações entre arquitetura, paisagem e dinâmica social; esses espaços promovem ressignificações territoriais que transformam a percepção urbana, a estrutura e a organização espacial, como agentes ativos na conformação da identidade.

Implicações simbólicas

Como última tipologia apresentada neste artigo, destacam-se as implicações simbólicas, que refletem o fato de que a cidade excede a representação que cada habitante tem sobre ela (JEUDY, 2005). Monumentos nostálgicos e cultuados pelos moradores, reconhecidos por seu simbolismo, também precisam se adaptar às transformações urbanas, demonstrando como elementos simbólicos e afetivos se entrelaçam com as dinâmicas contemporâneas dos espaços urbanos.

Desde a antiguidade, templos e outras construções não se limitaram a cumprir sua função arquitetônica, sendo organizados em torno de um rigoroso programa de comunicação simbólica (vide, entre outros, ASTAKHOVA, 2020; TIAN *et al.*, 2024). Esse conceito permanece relevante, já que as cidades contemporâneas converteram patrimônios culturais em ativos simbólicos para favorecer o turismo e expandir do potencial econômico.

Para Xue (2019), após a construção da Ópera de Sidney erguida nos anos 1960, na Austrália, os líderes políticos perceberam a eficiência dos marcos culturais na promoção da imagem das cidades, independentemente de sua trajetória histórica. Como exemplo, entre 1998 e 2015, a China investiu massivamente em edificações culturais, resultando na construção de centenas de novos teatros, bibliotecas e museus, o que contribuiu para reforçar a identidade e atratividade urbana.

As implicações simbólicas decorrentes dessa relação entre estruturas museográficas e contextos urbanos podem resultar em transformações físicas, como o aumento populacional e do fluxo turístico,



além da valorização imobiliária e da gentrificação. No entanto, essas mudanças também se associam a processos intangíveis, como a memória coletiva, a identidade local e o reconhecimento de determinados espaços como símbolos culturais e turísticos, fatores que podem desencadear alterações urbanas relevantes. Paris, por exemplo, tem essa dinâmica, com patrimônios como o Museu do Louvre, a Catedral de Notre-Dame e o Museu d'Orsay, que transcendem sua materialidade para representar a aura cultural da cidade. Já no Brasil, o recém-restaurado Museu do Ipiranga, em São Paulo, está diretamente ligado à história nacional, enquanto o Museu de Arte de São Paulo (MASP) simboliza a modernidade associada ao país.

Dessa forma, as implicações simbólicas dos museus para as cidades manifestam-se tanto na transformação física dos territórios quanto na consolidação de identidades locais. Essas estruturas tornam-se, pois, pontos de referência afetiva e simbólica, capazes de reconfigurar a dinâmica urbana e promover novas percepções sobre o espaço público e sua apropriação.

Nesse sentido, considera-se importante distinguir as implicações imagéticas de implicações simbólicas, uma vez que as primeiras enfatizam edificações icônicas concebidas para destacar uma cidade globalmente; as implicações simbólicas, por sua vez, se relacionam à carga emocional e histórica de um espaço, ligada à identidade das comunidades locais. Exemplos incluem museus-casa e edificações preservadas por sua importância na memória coletiva.

O estudo de caso: o Museu Nacional da Imigração e Colonização em Joinville (SC)

Nesta seção, apresenta-se o estudo de caso, desenvolvido a partir do embasamento ofertado pelo referencial teórico, o qual ressignifica o museu contemporâneo, ampliando suas funções e destacando sua articulação com o ambiente urbano, potencializando sua contribuição para transformações positivas. Esse referencial também permitiu a construção de uma base analítica de “implicações” decorrentes, ou seja, cinco implicações que revelam especificidades na relação de um museu com seu entorno urbano imediato ou ampliado. Destaca-se, assim, que para o Museu Nacional de Imigração e Colonização-MNIC, a visão dos gestores do museu, comerciantes e trabalhadores do entorno — obtida por meio de entrevistas exploratórias — é trazida para a análise de modo estruturado juntamente com as tipologias de implicações apresentadas.

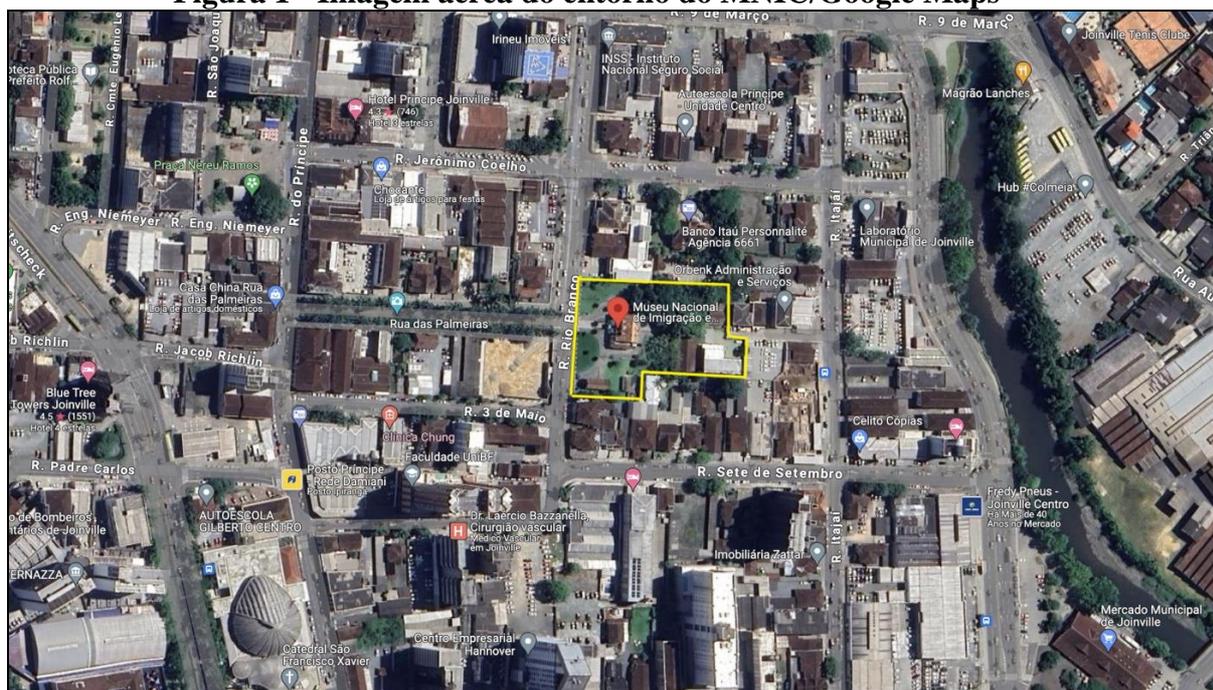
Considerando essa discussão, esta seção foi organizada de modo a: i) apresentar o Museu Nacional de Imigração e Colonização de Joinville; ii) relatar os resultados das entrevistas com os diversos agentes relacionados ao museu; iii) aplicar empiricamente as cinco implicações previamente construídas de forma teórica.



O Museu, o entorno e a cidade

O MNIC está localizado no centro histórico de Joinville (Figura 1) e ocupa um complexo de 6.000 m². Sua edificação principal, em estilo eclético, possui 875 m² e inclui ainda uma casa em estilo enxaimel de 1907 e um espaço expositivo inaugurado em 2023, dedicado à exposição “Saberes e fazeres”, que aborda a produção industrial local. O acervo do museu compreende aproximadamente 8.300 peças, incluindo mobiliário, instrumentos musicais, obras de arte, porcelanas, ferramentas de trabalho e esporte, além de engenhos de farinha e erva-mate, canoa, alambiques e meios de transporte históricos.

Figura 1 - Imagem aérea do entorno do MNIC/Google Maps



Fonte: Google Maps (2024).

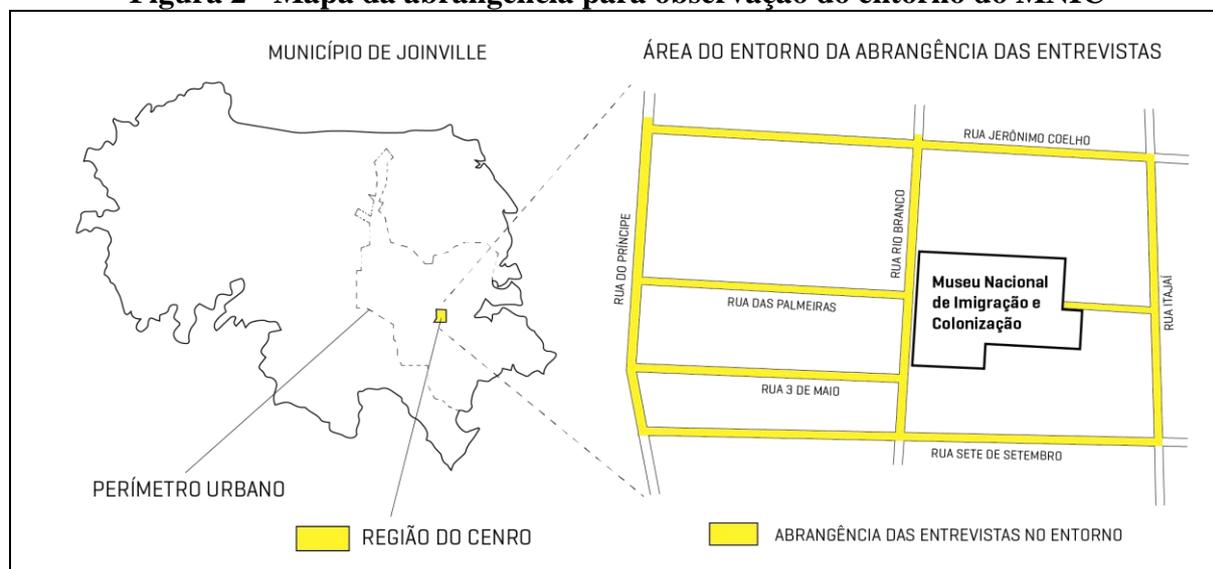
O entorno do museu, situado na zona central da cidade, é caracterizado pela combinação de edificações históricas do final do século XIX e construções que se estendem desde o início do século XX até as últimas décadas. A área é predominantemente comercial, com imóveis populares que ocupam antigas habitações unifamiliares de dois ou três pavimentos, geralmente sem recuo da calçada. O fluxo intenso de pedestres decorre tanto do comércio popular quanto da proximidade com o terminal de ônibus central situado na Rua do Príncipe.



As entrevistas no entorno do MNIC

Os arredores do museu se configuram como uma área urbana densa, com quadras de dimensões irregulares e terrenos ocupados quase que totalmente pelas edificações. As ruas mais relevantes no entorno imediato incluem a Rua Rio Branco, Rua das Palmeiras, Rua do Príncipe, Rua 3 de Maio e Rua Sete de Setembro. Essas vias concentram estabelecimentos comerciais, residenciais e intenso fluxo de pessoas, sendo também os locais onde foram realizadas entrevistas com comerciantes e trabalhadores para compreender a relação do museu com seu contexto urbano (Figura 2).

Figura 2 - Mapa da abrangência para observação do entorno do MNIC



Fonte: Elaboração própria.

As entrevistas e depoimentos coletados, apesar de semi-estruturadas, buscaram valorizar o entendimento construído conjuntamente, numa parceria *ad hoc* entre entrevistador e entrevistado. Para tanto, adotou-se a perspectiva defendida por Espedal (2022), que entende a entrevista na área social como um processo de “[...] entrevistar, de ver junto e como um espaço de conexão e cointerpretação”. Dessa forma, com um conjunto de perguntas previamente estabelecidas, foi possível orientar o diálogo para temas de conhecimento dos entrevistados, embora ainda organizados ou esclarecidos por eles.

Uma questão central levantada é o papel dos gestores do MNIC nas decisões museológicas estratégicas e sua relação com o poder público. Todos os gestores entrevistados foram unânimes em afirmar que a administração do museu possui autonomia plena para definir ações museológicas e de comunicação, mesmo sendo o MNIC um museu público vinculado à Prefeitura de Joinville. As pessoas entrevistadas destacaram que a execução das ações planejadas cabe integralmente à gestão interna, tendo como base o plano museológico, considerado o principal instrumento norteador. Além disso, os gestores



assumem a responsabilidade pela curadoria, pela narrativa das exposições, pela definição de públicos-alvo, e pela realização de pesquisas com visitantes. Uma das entrevistadas enfatizou que, embora inicialmente concebido como um museu de história local, o MNIC ampliou sua abordagem para incluir novas perspectivas sociais, alcançando diversos perfis de público. Segundo ela, essa expansão resulta de uma observação atenta das transformações sociais no Brasil, especialmente no que se refere à imigração e à diversificação do público visitante.

Em relação ao contato com os agentes públicos, gestores afirmaram que, embora servidores da Prefeitura de Joinville, a vinculação do museu ao setor cultural facilita a articulação com outros órgãos, especialmente em eventos como o Festival MNIC, que mobiliza diferentes setores da administração municipal.

No que diz respeito às estratégias de comunicação e relacionamento com a comunidade, a primeira gestora entrevistada destacou um trabalho de mapeamento do tecido urbano com o objetivo de compreender a realidade dos novos grupos de imigrantes na região. Ela ressaltou que o museu deve garantir o direito à memória também para esses novos públicos, que muitas vezes estão “em territórios não alcançados pelos meios de comunicação”. A segunda gestora afirmou que o MNIC já se consolidou como referência para as escolas de Joinville, e, por essa razão, suas ações de comunicação priorizam a prospecção de novos públicos. O setor educativo do museu desenvolve projetos de visitação voltados para diferentes perfis de visitantes, tanto espontâneos quanto grupos agendados de escolas e outras instituições. Para ela, uma das principais ações de relacionamento com a comunidade é o evento anual “Festival MNIC”, que atrai cerca de 5.000 pessoas e envolve grupos expressivos de imigrantes venezuelanos, haitianos e africanos. Ela destacou que o festival amplia o acesso do público ao museu e promove o reconhecimento cultural desses grupos. Além disso, defendeu que o conteúdo expositivo deve ser acessível e inclusivo, visando atender à diversidade do público.

Com relação às políticas específicas para o uso das áreas do MNIC pela comunidade, as gestoras informaram que o museu recebe propostas para utilização de seus espaços e já sediou eventos diversos, como lançamentos de livros, projeções videomapeadas e apresentações musicais. Além disso, o auditório tem sido utilizado para ações educativas, como aulas de português para imigrantes.

Quanto à percepção do entorno sobre o papel do MNIC, uma das gestoras ressaltou que o museu se tornou um marco simbólico para a cidade, sendo frequentemente apresentado em campanhas publicitárias como um ícone de Joinville. Segundo ela, a gratuidade da entrada favorece a apropriação do espaço por diversos públicos. Outra entrevistada observou que os visitantes frequentemente estabelecem conexões pessoais com os objetos expostos, associando-os a suas histórias de vida e



memórias afetivas. Além disso, mencionou que, quando do centenário do museu, a própria comunidade organizou uma campanha de arrecadação de artefatos, que hoje integram o acervo.

Na perspectiva dos trabalhadores e comerciantes do entorno, a maioria reconhece a importância histórica e cultural do MNIC para a cidade, mas afirma não perceber impacto significativo do museu nas atividades comerciais locais. Quando questionados sobre a influência do MNIC na escolha do local para abertura de negócios ou trabalho, todos os entrevistados negaram haver tal influência.

Em relação à percepção de mudanças na ocupação e valorização imobiliária do entorno, a maioria dos entrevistados indicou que não ocorreram alterações significativas. Destaca-se, no entanto, que dois comerciantes relataram que, após a pandemia, a região se tornou mais instável e insegura, com diminuição na circulação de pessoas. Uma das gestoras do museu corroborou essa percepção, apontando que a especulação imobiliária, presente em outras áreas da cidade, também tem afetado a região central de Joinville.

No tocante às implicações sociais e físicas do museu no entorno, uma das gestoras entrevistadas destacou a presença de um “público invisível” que utiliza as áreas comuns do museu, como ambulantes, policiais e pessoas em situação de rua. Ela também mencionou a presença de visitantes de outras cidades, que passam o dia no museu enquanto aguardam transporte para retornar após tratamento médico em Joinville por essa ser cidade de importância regional. Outra gestora relatou que o museu já foi utilizado como abrigo para desabrigados por catástrofes naturais e por pacientes de fora da cidade em tratamento hospitalar, reforçando não apenas sua função precípua ampliada, mas também reforçando sua relação com a cidade que o abriga. Quanto ao uso do espaço do museu para finalidades além da função cultural e educativa, os trabalhadores do entorno relataram que utilizam regularmente os jardins e mesas do pátio interno para descanso e alimentação. A maioria destacou a tranquilidade do espaço, a presença de áreas verdes e a sensação de segurança como fatores para esse tipo de uso. Uma entrevistada relatou que, depois de ser importunada por um homem enquanto almoçava na Rua das Palmeiras, passou a preferir o museu pelo sentimento de proteção. Outra respondente sugeriu até mesmo a instalação de redes entre as árvores do complexo para melhorar o conforto do espaço de descanso. Além disso, uma das frequentadoras que foi consultada valorizou o ambiente aberto, mas com certa privacidade, onde as pessoas podem usar as mesas sem se sentirem “observadas ou julgadas”.

Por fim, a última questão abordada junto aos comerciantes e trabalhadores do entorno foi sobre as visitas às áreas expositivas do MNIC. Destaca-se, que as 12 pessoas entrevistadas, sete nunca visitaram as exposições, embora utilizem regularmente os jardins e áreas de convivência. Apenas uma entrevistada afirmou que visitou a área expositiva mais de uma vez.



As implicações: entre o dito e o não dito

A análise de um depoimento ou entrevista pode ser atestada não apenas pelo dito de forma direta, mas também pelas entrelinhas do que não é dito. Müller *et al.* (2024) fundamentam essa perspectiva ao valorizar tanto o dito quanto o não dito, ressaltando a importância de “ler” o silêncio e as sutilezas de uma conversa no contexto de pesquisas qualitativas. Conforme destacado pelo autor, essa abordagem amplia as possibilidades interpretativas e contribui para o avanço do conhecimento científico ao reconhecer os significados subjacentes que emergem do silêncio e das lacunas discursivas: “[...] e no contexto de diferentes interações comunicacionais [...] As funções afetivas do silêncio estão ligadas às dinâmicas de comunicação interpessoal [...] e estão relacionadas a formas de negociar e manter relações de poder”.

A análise das entrevistas evidencia que as percepções sobre o MNIC extrapolam a relação direta com suas atividades museológicas, revelando uma apropriação simbólica e utilitária do espaço por diferentes grupos sociais. A presença do museu no cotidiano da cidade manifesta-se tanto por meio de seu valor histórico-cultural quanto pela ocupação cotidiana de suas áreas externas, que se consolidam como locais de convivência e segurança.

A relevância simbólica do museu foi reiterada tanto por gestores quanto por comerciantes e trabalhadores, que destacaram expressões como “história”, “memória”, “lugar seguro”, “espaço aberto”, “área verde”, “árvores” e “alimentação” para descrever o museu e, especialmente, sua área externa. Essa perspectiva reforça o caráter híbrido do espaço, que, ao mesmo tempo em que preserva a memória e identidade de Joinville, também funciona como um ambiente público acolhedor para trabalhadores e moradores do entorno. A construção simbólica é fruto de diferentes camadas temporais e de reconhecimento, mas as edificações são um ponto importante neste processo.

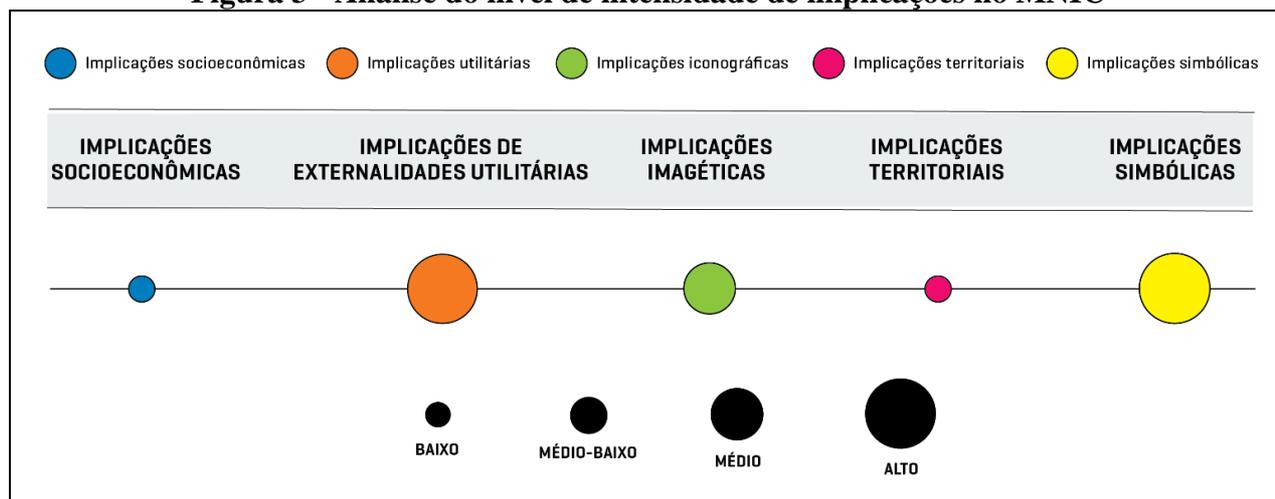
Por outro lado, apesar desse reconhecimento simbólico e da utilização cotidiana das áreas externas, as entrevistas indicaram um baixo índice de visitação às áreas expositivas do museu por parte dos comerciantes e trabalhadores do entorno. Como anteriormente indicado, dos 12 entrevistados, a maioria nunca visitou as exposições, e apenas um o fez mais de uma vez. Esse dado reforça a dualidade entre a função institucional do museu e seu uso cotidiano, consolidando as áreas externas como espaços de convivência que extrapolam a função educativa e cultural inicialmente planejada.

A intensidade das implicações do MNIC na dinâmica urbana de Joinville pode ser visualizada no infográfico a seguir. A figura sintetiza os diferentes tipos de implicações associadas à presença do museu, categorizando os impactos em cinco dimensões principais: socioeconômicas, externalidades utilitárias, imagéticas, territoriais e simbólicas. Os círculos de diferentes tamanhos e cores indicam



variações na intensidade dessas implicações, demonstrando que determinados aspectos se apresentam de maneira mais relevante em contextos específicos. A metodologia aplicada para a construção do infográfico da Figura 3 está pautada nas entrevistas e observações realizadas junto ao MNIC.

Figura 3 - Análise do nível de intensidade de implicações no MNIC



Fonte: Elaboração própria.

O infográfico, portanto, sintetiza as diferentes implicações identificadas no contexto do MNIC, categorizando-as em cinco dimensões principais — as mesmas da tipologia apresentada neste manuscrito: socioeconômicas, externalidades utilitárias, imagéticas, territoriais e simbólicas. Os círculos de diferentes tamanhos e cores indicam variações na intensidade dessas implicações, conforme os dados coletados nas entrevistas e observações realizadas.

As implicações socioeconômicas (cor azul) apresentam baixa intensidade, refletindo a percepção dos entrevistados e a observação direta, que indicam que o MNIC não provoca impacto significativo no comércio ou nas atividades econômicas do entorno. Essa constatação é consistente com os depoimentos dos trabalhadores e comerciantes, que relataram que a presença do museu não influenciou a escolha de seus estabelecimentos ou locais de trabalho.

As implicações de externalidades utilitárias (laranja) demonstram alta intensidade, indicando que tanto gestores quanto trabalhadores e comerciantes reconhecem as áreas externas do MNIC como espaços seguros e acolhedores, utilizados para descanso e alimentação. Além disso, esses espaços são frequentemente usados para eventos temporários e atividades culturais, reforçando seu papel como um equipamento urbano multifuncional. Para Harvey (1989), a cidade precisa parecer um lugar inovador, empolgante, criativo e seguro para se viver, visitar, se divertir e consumir. Sobretudo por estes fatores evidenciados por este autor, os museus parecem ter um grande impacto na cultura e na vida urbana como um todo.



No que se refere às implicações imagéticas (verde), a análise demonstra uma intensidade médio-baixa. Embora o MNIC não seja amplamente reconhecido como um ícone urbano em si, ele se relaciona com a identidade visual de Joinville, especialmente devido ao seu valor histórico e à preservação da memória imigrante, elementos mencionados por alguns entrevistados.

As implicações físico-territoriais (magenta) também apresentam baixa intensidade, uma vez que o museu não impacta diretamente na ocupação urbana nem na valorização imobiliária do entorno. Essa percepção é reforçada pelos relatos que indicam estabilidade nas dinâmicas espaciais, exceto em situações específicas, como eventos que promovem um aumento pontual do fluxo de pessoas.

Por fim, as implicações simbólicas (amarelo) se destacam com alta intensidade. O MNIC é amplamente reconhecido por seu caráter histórico e sua forte conexão com a memória coletiva da cidade. Essa dimensão simbólica mostra-se particularmente intensa entre os diversos públicos entrevistados, especialmente entre estudantes e famílias, que valorizam o museu como um patrimônio cultural de Joinville, evidenciando sua relevância como espaço de educação e preservação da história local. Para Ozorhon e Ozorhon (2000), o valor simbólico de uma edificação, pode derivar tanto de seu caráter arquitetônico quanto histórico, ou até mesmo resultar de alguma atividade cultural e artística que nele ocorra. Essas estruturas são produtos da cultura e da arte de uma cidade e se tornam marcos simbólicos importantes na formação da imagem urbana. Os museus, em particular, ajudam a construir uma imagem simbólica da cidade como centros de atração.

A articulação dessas implicações evidencia a complexidade do papel desempenhado pelo MNIC no cotidiano urbano de Joinville, revelando como sua função institucional se entrelaça com apropriações espontâneas promovidas pela comunidade. Nesse contexto, as infraestruturas culturais e os ambientes urbanos podem ser tratadas também como elementos de regeneração urbana, como evidencia Vardopoulos (2022):

A preservação e a reutilização da infraestrutura industrial histórica apoiam o desenvolvimento de uma sociedade mais concisa e estruturada, bem como a adoção de iniciativas de regeneração viáveis. Os processos de regeneração urbana são noções complexas que abrangem visões socioeconômicas, culturais, ambientais, técnicas, jurídicas e éticas, todas interligadas.

Esse viés, que apresenta um olhar para a reutilização de edificações industriais históricas, pode ser estendida ao contexto deste artigo, ao abordar a combinação de valores simbólicos e utilitários que impactam na visão socioeconômica, cultural, ambiental. Assim, supera-se a abordagem tradicional da museologia, consolidando a proposta de promover espaços vivos e integrados à dinâmica urbana.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise realizada neste estudo demonstra que os museus, enquanto equipamentos culturais museográficos inseridos no contexto urbano, não se limitam a ser apenas repositórios de cultura e história. Ao contrário, funcionam como agentes dinâmicos que interagem com a cidade, influenciando o cotidiano urbano e sendo influenciados pelas transformações sociais e espaciais ao seu redor. O estudo de caso do MNIC, em Joinville, revelou múltiplas implicações decorrentes da presença do museu no tecido urbano, consolidando-o como um espaço multifuncional que combina atributos simbólicos, utilitários e comunitários. Esses atributos, sem serem explicitados por gestores, usuários ou moradores de seu entorno, constituem potencialidades estratégicas frequentemente não aproveitadas.

O desafio dos museus está em compreender as cidades e a influência que exercem sobre essas instituições, e vice-versa. No entanto, essas interações também trazem desafios, como a necessidade de planejar e atuar em meio à incerteza e complexidade dos meios urbanos contemporâneos.

O estudo de caso do MINC evidencia as múltiplas implicações de um equipamento cultural museográfico no contexto urbano, revelando as interações diversas entre essas instituições e o tecido da cidade. Cada uma destas interações representa oportunidades para enriquecer a vida cultural e social, preservar e resgatar a memória afetiva, incluir novas culturas no tecido urbano e ampliar o uso do museu para finalidades que vão além de sua função cultural tradicional. Contudo, essa conclusão, evidenciada ao longo de toda a pesquisa, ainda se mostra limitada na percepção dos agentes envolvidos diretamente ou indiretamente na criação, no uso e na manutenção de um museu. As externalidades positivas observadas no estudo de caso refletem o fenômeno da serenidade urbana, conforme discutido na literatura teórica. As externalidades positivas mais importantes são justamente aquelas que não foram planejadas, mas que surgem a partir das práticas cotidianas dos usuários e da comunidade.

A recomendação possível que se pode construir a partir de tal cenário é uma revisão das agendas urbanas e museológicas, construindo uma *policymaking* a partir de estratégias e não apenas de resultados positivos identificados, mas também considerem as potencialidades inesperadas. Ao concluir que são os usuários do entorno dos museus — ou parcelas da população — que demonstram usos mais intensos e não planejados das estruturas museográficas, reitera-se a importância da expressão da comunidade na construção de agendas urbanas inclusivas, entendidas não apenas como processos participativos, mas também como formas criativas e inovadoras de apropriação do espaço urbano. A literatura nacional e estrangeira que atesta essa capacidade do morador da cidade como visionário de soluções é extensa, contando com estudos históricos que confirmam essa realidade para diferentes contextos urbanos.



Em termos de limitações da pesquisa, é importante destacar que esta análise representa um primeiro passo para uma compreensão mais profunda da relação entre museus e cidades, enfatizando a relevância dessas instituições como agentes ativos no desenvolvimento cultural, social e econômico. A narrativa científica que destaca essa relação é ampla, incluindo estudos recentes, tanto no contexto internacional quanto no brasileiro. Entretanto, observa-se que essa literatura nem sempre apresenta aderência empírica suficiente ou incorpora instrumentos de análise próprios dos estudos urbanos. Frequentemente, os estudos refletem ora a perspectiva dos museus, ora a visão dos gestores e pesquisadores urbanos, faltando abordagens verdadeiramente interdisciplinares que tratem a questão em sua complexidade.

Outra limitação da pesquisa aqui relatada reside no fato de analisar apenas um único museu. Contudo, essa restrição pode ser relativizada, considerando que o presente relato integra uma pesquisa mais ampla, ainda em curso, que abrange outros museus, em diferentes regiões brasileiras e com variados propósitos expositivos e estruturas organizacionais. Destaca-se também que os resultados aqui apresentados são fruto de uma pesquisa maior que inclui também dados secundários de museus estrangeiros, o que possibilitou estabelecer as “implicações” utilizadas como referência. Nesse sentido, descrever essas limitações não significa somente reconhecer restrições analíticas, mas principalmente contextualizar adequadamente o objeto de estudo.

Como sugestão de novas pesquisas decorrente dos resultados até aqui apresentados, propõe-se a ampliação da amostra, incluindo recortes geográficos mais abrangentes, considerando exemplos estrangeiros de museus e suas respectivas cidades, além de revisar a estrutura analítica das cinco implicações adotadas. Dessa forma, a pesquisa contribui para o avanço do conhecimento na intersecção entre urbanismo e museologia, incentivando abordagens interdisciplinares que ampliem o entendimento sobre as interações entre museus e suas cidades.

REFERÊNCIAS

ASTAKHOVA, E. “Architectural symbolism in tradition and modernity”. **IOP Conference Series: Materials Science and Engineering**, vol. 913, n. 3, 2020.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2001.

BRANDÃO, C. R. F.; LANDIM, M. I. P. F. **Museus: o que são e para que servem?** São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, 2011.

BRULON, B. “Museus do século 21: desafios para as políticas culturais”. **Ciência Hoje** [2020]. Disponível em: <www.cienciahoje.org.br>. Acesso em: 20/02/2025.



BRULON, B.; WITCOMB, A. “Editorial: Towards Decolonisation”. **Museum International**, vol. 74, n. 3, 2022.

BUSCH, C. “Towards a Theory of Serendipity: A Systematic Review and Conceptualization”. **Journal of Management Studies**, vol. 61, n. 3, 2024.

CARVALHO, P. “Fazer turismo em favelas. Sim ou não? Moradores e estudiosos opinam”. **Uol** [2023]. Disponível em: <www.uol.com.br>. Acesso em: 21/03/2025.

CHOAY, F. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 2017.

CREUTZIG, F. *et al.* “Towards a public policy of cities and human settlements in the 21st century”. **Urban Sustain**, vol. 4, 2024.

DESVALLÉES, A.; MAIRESSE, F. **Conceitos-chave de Museologia**. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2013.

ESPEDAL, G. “Research Interviews to Investigate and Co-create Values”. **Researching Values** [2022]. Disponível em: <www.springer.com>. Acesso em: 12/02/2025.

FAROUK, A. “O efeito Bilbao: como o design de um museu transformou a economia da cidade”. **Snaptrude** [2024]. Disponível em: <www.snaptrude.com>. Acesso em: 25/04/2025.

FELDER, R. “Museums change their story”. **Unesco** [2024]. Disponível em: <www.unesco.org>. Acesso em: 23/04/2025.

FERNÁNDEZ PORTELA, J.; AGUILAR-CUESTA, Á. I. “From Industrial Heritage to Cultural Space: The Touristic Transformation in the Region of Ciudad Rodrigo (Spain)”. **Heritage**, vol. 8, 2025.

FERREIRA, D. B. “Ephemeral Architectures: Engaging Communities through Temporary Structures”. **ArchDaily** [2024]. Disponível em: <www.archdaily.com>. Acesso em: 01/02/2025.

FLORIDO-BENITEZ, L. The close complementarity of museums and theme parks as a tourist package in European capital cities. **European Journal of Management Studies**, vol. 29, n. 2, 2024.

GALOFRÉ-VILÀ, G. “The diffusion of knowledge during the British industrial revolution”. **Social Science History**, vol. 47, n. 2, 2023.

GIUSTI, S.; LAMONICA, A. G. “The Geopolitics of Culture: Museum Proliferation in Qatar and Abu Dhabi”. **The International Spectator**, vol. 58, n. 2, 2023.

GREWCOCK, D. “Musées de ville et avenir urbains: une nouvelle politique d’urbanisme et de nouveaux défis pour les musées de ville. Vie urbaine et musées”. **ICOM - Museum International**, vol. 58, 2006.

HARVEY, D. “From managerialism to entrepreneurialism: the transformation in urban governance”. **Geographiska Annaler**, vol. 71, n. 1, 1989.

HUYAN, R. “Critically Assess the Contemporary Role of Museums”. **Proceedings of the 2024 3rd International Conference on Educational Science and Social Culture**. Amsterdã: ESSC, 2024.



ICOM - International Council of Museums. **Nova Definição de Museu**. Praga: ICOM, 2022. Disponível em: <www.icom.org.br>. Acesso em: 25/01/2025.

JEUDY, H. P. **Espelho das cidades**. Rio de Janeiro: Editora Casa da Palavra, 2005.

KOLBE, K. "The art of (self)legitimization: how private museums help their founders claim legitimacy as elite actors". **Socio-Economic Review**, vol. 22, n. 3, 2024.

LORENTE, J. "From the white cube to a critical museography: The development of interrogative, plural and subjective museum discourses". In: MURAWSKA-MUTHESIUS, K.; PIOTROWSKI, P. **From Museum Critique to the Critical Museum**. London: Routledge, 2015.

LORENTE, J. "Symbol of an era? The Guggenheim Bilbao as an epitome of new museum tendencies at the turn of the millennium". **Journal of Museum Studies**, vol. 2, n. 1, 2025.

MAIR, J.; SMITH, A. **Events and sustainability**: Can events make places more inclusive, resilient and sustainable? New York: Routledge, 2022.

MELO, R. M. *et al.* "Para decolonizar os museus: desafios e possibilidades". **Revista Memória em Rede**, Pelotas, vol. 16, n. 31, 2024.

MOURTADA, R. "The Symbolic Dimension of the Urban and Cultural Landscape in Baalbek (Lebanon): The Challenge of Resistance and/or Instruments of Power". **Dearq**, n. 24, 2019.

MÜLLER N. *et al.* "How Should We Interpret Silence in Qualitative Communication Studies?" **Social Sciences**, vol. 13, n. 6, 2024.

MUSEUS DO RIO. "Museu da Rocinha – Sankofa. Memória E História". **Museu do Rio** [2025]. Disponível em: <www.museusdoriorio.com.br>. Acesso em: 10/01/2025.

NELSON, R. *et al.* "Conceptualizing Urban Inequalities as a Complex Socio-Technical Phenomenon". **Geographical Analysis**, vol. 56, n. 2, 2024.

OZORHON, I. F.; OZORHON, G. "Investigation of the relationship between museums and cities in the context of image: cases from Istanbul". **Journal of Architecture and Urbanism**, vol. 39, n. 3, 2015.

PASQUOTTO, G. B. "Museus, cidades, cultura: O Centro Pompidou, o MACBA e o Guggenheim". **Revista Óculus Ensaios**, vol. 14, 2011.

PLAZA, B.; HAARICH, S. "Museums for urban regeneration? Exploring conditions for their effectiveness". **Journal of Urban Regeneration and Renewal**, vol. 2, 2009.

REDAELLI, E. *et al.* "Museums as public spaces in the city: Insights from Aarhus, Denmark". **Cities**, vol. 159, 2025.

SCHEINER, C.; NARLOCH, C. "Reflexões atuais sobre o museu-espetáculo: entre a cultura de massa e o dispositivo de mediação". **Anais do XXIII Encontro Nacional em Pesquisa em Ciência da Informação**. Aracaju: UFS, 2023.

STEPHENS, S. "The art of decolonisation". **Museums Journal**, n. 13, 2025.

STERLING, C. "Museums after progress". **Museums and Social Issues**, vol. 18, n. 1, 2024.



TIAN, Z. *et al.* “Iconic architecture as vessel for political and cultural expression - Victoria Theatre and Concert Hall changing with Singapore cultural icon”. **Journal of Asian Architecture and Building Engineering** [2024]. Disponível em: <www.tandfonline.com>. Acesso em: 10/02/2025.

ULTRAMARI, C. “Grandes projetos urbanos no Brasil: conceitos, contextualização e discussão de três casos. Urbana”. **Revista Eletrônica do Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Cidade**, Campinas, vol. 1, n. 1, 2013.

UWASE, M. “The Role of Museums in Shaping Cultural Heritage”. **Sciential Journal of Education Humanities and Social Sciences**, vol. 2, n. 1, 2025.

VARDOPOULOS, I. “Industrial building. Adaptive reuse for museum. Factors affecting visitors perceptions of the sustainable urban development potential”. **Building and Environment**, vol. 222, 2022.

VIVRE LES MARAIS. “L'annonce de la fermeture pour quatre années du Centre Georges-Pompidou fait l'effet d'une bombe!” **Vivre le Marais** [2021]. Disponível em: <www.vivrelemarais.typepad.fr>. Acesso em: 12/02/2025.

WALLI, A.; COLLINS, R. K. “Decolonizing Museums: Toward a Paradigm Shift”. **Annual Review of Anthropology**, vol. 52, 2023.

WEBER, M. **Ensaio de sociologia**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1981.

XUE, C. Q. **Grand Theater Urbanism: Chinese Cities in the 21st century**. Singapore: Springer, 2019.

ZHANG, W. “Centre Pompidou: The Reproduction of Parisian History and Culture in a Postmodernist Building”. **Studies in Art and Architecture**, vol. 2, n. 3, 2023.

ZUBITASHVILI, T. “The Role of Museums for the Issue of Tourism Development”. **Sciential Journal of Education Humanities and Social Sciences**, vol. 2, n. 1, 2024.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano VII | Volume 22 | Nº 65 | Boa Vista | 2025

<http://www.ioles.com.br/boca>

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávaro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima